

OS TRABALHOS ESCRITOS DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO — O RELATÓRIO PARA OS EXAMES GERAIS DE QUALIFICAÇÃO

Dino Preti

Um dos aspectos que se tem procurado preservar nos cursos de pós-graduação é o seu caráter de estudos superiores, destinados, em geral, a um grupo voltado para o ensino universitário ou para a pesquisa pura. Essa minoria qualificada destaca-se entre os que terminam os cursos de graduação e é selecionada através de exames, entrevistas, provas de títulos e currículo.

Embora tal seleção, na realidade, nem sempre se processe com a eficiência que era de esperar, têm os cursos de pós-graduação a tarefa mínima de conservar essa imagem, e uma das formas de fazê-lo seria manter, tanto quanto possível, um alto nível em suas teses, dissertações, relatórios e demais trabalhos escritos que possam vir a ter divulgação pública, cuidando-se para que apresentem organização e linguagem condizentes com o seu espírito científico. E isso, cremos, é de responsabilidade não só dos pós-graduandos, mas também de seus Orientadores.

Na graduação universitária, o número de alunos das classes e uma estrutura curricular específica nem sempre permitem ao professor cuidado maior na orientação e avaliação dos trabalhos apresentados, diluindo-se o julgamento em notas pouco reveladoras ou em comentários nem sempre objetivos. Com freqüência, não se atribui a devida importância à má divisão das partes e conseqüente estrutura deficiente, à citação bibliográfica fora das normas, à documentação insuficiente, ou às impropriedades da linguagem, tais como a insegurança no estilo, com a mistura de níveis culto e coloquial, a falta de clareza, o uso inadequado do vocabulário técnico-científico etc.

Ao longo dos trabalhos da pós-graduação, não raro, essas deficiências se mantêm, e já então não podem gozar da complacência dos professores dos cursos, muito menos dos Orientadores, pois, aceitando-as, correm o risco de encontrá-las também nos trabalhos finais de Mestrado ou Doutorado, onde provocarão críticas desagradáveis das bancas examinadoras.

Procuraremos estudar aqui alguns dos principais problemas dos trabalhos escritos da pós-graduação, detendo-nos mais especificamente num deles.

De início, poderemos dividi-los nas seguintes espécies:

- a) trabalhos de aproveitamento nas várias Disciplinas, compreendendo análises críticas, relatórios de seminários e pesquisas, resenhas bibliográficas, resumos e fichamentos de obras, provas etc;
- b) relatórios enviados a entidades que subvencionam alguns pós-graduandos, através de bolsas de estudo ou auxílios para pesquisa;
- c) relatórios de atividades, elaborados quando os estudantes completam todos os créditos de cursos e atividades paralelas, tendo em vista os *exames gerais de qualificação*, previstos pelo regime de pós-graduação;
- d) dissertação de mestrado, que é uma espécie de *thesis minor*;
- e) tese de doutorado, que seria a *thesis maior*.

Estes trabalhos são de natureza e profundidade diversas. Com referência aos primeiros, cabe a cada professor, dentro das várias Disciplinas nas áreas de concentração ou complementar, estabelecer os critérios, bem como julgar o mérito e as deficiências de cada trabalho.

Quanto aos trabalhos do item *b*, são elaborados pelos estudantes, instruídos por seus Orientadores e, freqüentemente, com orientação das próprias instituições que lhes concederam as bolsas, as quais lhes fornecem formulários com normas para a organização dos relatórios, indicando as partes que compõem sua estrutura, o aprofundamento ou a mera informação necessários a cada uma delas.

Com referência à dissertação de Mestrado e à tese de Doutorado, é preciso ter em mente os aspectos do seu planejamento, do processo expositivo, do método de argumentação e documentação, bem como do rigor bibliográfico e da linguagem científica, evitando-se um estilo que conduza a toda e qualquer dubiedade de conceitos ou ininteligibilidade do texto. São problemas cuja solução não pode prescindir da presença segura do Orientador e, talvez até seja esta a sua maior responsabilidade, porquanto o conteúdo da dissertação ou tese em si está muito mais vinculado à capacidade pessoal do pós-graduando do que propriamente ao Professor-Orientador. Este atua no terreno da sugestão, mesmo porque o trabalho é de responsabilidade efetiva de seu autor.

Resta-nos falar do relatório de atividades de pós-graduação, talvez uma pequena imagem do que poderá vir a ser a dissertação ou tese, e é sobre ele que nos deteremos com mais cuidado, tendo em vista a grande diversidade de trabalhos apresentados, bem como o critério de julgamento nas Bancas dos *exames de qualificação*.

Os exames gerais de qualificação

Parece-nos que eles objetivariam avaliar o amadurecimento intelectual, o alargamento da visão científica do pós-graduando no domínio de sua especialização, a sua capacidade criativa na pesquisa e na organização de dados, além do seu aproveitamento nos cursos realizados, nas leituras feitas e nos colóquios mantidos com o Orientador.

Querem alguns que o estudante já tenha revelado suficientemente, ao longo dos cursos que realizou, esse aproveitamento, submentendo-se a provas, realizando trabalhos, pesquisando, do que se deprenderia ser inútil um exame final.

Sabemos, no entanto, que nem sempre o professor dos cursos tem as condições necessárias para esse julgamento satisfatório do trabalho dos estudantes. Não raro, os trabalhos apresentados são feitos em grupo, onde a participação de cada um nem sempre é suficientemente precisada. E, quase sempre, entre o professor e os alunos se estabelece um clima de atividade comum, muito favorável à tolerância, avaliando-se o aproveitamento como um todo. Daí, por exemplo, a concessão, por vezes complacente, do nível "B" de aprovação, comumente atribuído àqueles cujo trabalho científico, pesquisa e conhecimento teórico apresentam deficiências, compensadas pelo esforço e interesse.

Os *exames de qualificação* viriam, em princípio, oferecer subsídios para a solução destes e de outros problemas, submetendo-se o estudante a uma avaliação de seus trabalhos, de seus conhecimentos, perante uma Banca Examinadora, constituída pela Faculdade.

Realizados com critério e seriedade, esses exames podem comprovar, de fato, a capacidade do aluno para a etapa seguinte, a da dissertação ou tese, e constituem, ainda, no caso da arguição sobre o relatório de atividades, uma excelente prévia para a defesa do trabalho final, com a vantagem de o candidato ainda ter a possibilidade de ouvir dos componentes da Banca Examinadora as críticas e sugestões sobre a pesquisa que está desenvolvendo, em tempo de refletir sobre elas e mesmo aproveitá-las.

Na Universidade de São Paulo é desigual o tratamento e a importância atribuídos aos *exames de qualificação*, nos diferentes cursos de pós-graduação. Em algumas instituições, dá-se uma relevância maior

à prova escrita (e, eventualmente, também oral) do que ao relatório, que, às vezes, não chega sequer a ser mencionado em alguns regulamentos.

Em geral, exige-se uma ou duas provas, com duração em torno de quatro horas, precedidas de um tempo determinado para consulta bibliográfica. A matéria poderá ser escolhida pela Banca Examinadora ou sorteada no ato e quase sempre se refere às duas áreas de estudo (a de concentração e a complementar).

Faculdades como a de Ciências Farmacêuticas, a de Direito, a de Odontologia, a de Arquitetura e Urbanismo, a de Medicina Veterinária e Zootécnica; Institutos como o de Energia Atômica, o de Ciências Biomédicas, o de Física, o de Química, o de Geociências e Astronomia e o Oceanográfico; Escolas, como a de Enfermagem, a Superior de Agricultura e a Politécnica são alguns, entre outros, que dão prevalência ao regime de provas nesses exames.

Em instituições como a Faculdade de Filosofia e a Escola de Comunicações e Artes, os regulamentos mencionam, além das provas, a apresentação de um relatório de atividades e, neste caso, o exame, em geral, acaba sendo o julgamento e argüição desse trabalho.

Dessa forma, ganha o relatório de atividades uma importância muito maior, razão pela qual julgamos de valia tecer sobre ele algumas considerações que possam servir como roteiro de trabalho para os mestrandos e doutorandos, em especial na área de Letras, onde a sistemática da sua argüição em lugar das provas se vem impondo. E o fazemos também no sentido de respondermos àqueles que, entre nós, têm feito reserva a este tipo de exame como inútil, esquecidos de que o relatório de atividades pode e deve ser uma demonstração da capacidade de organização, método de trabalho e domínio da linguagem expositiva do orientando, revelando-se às vezes um verdadeiro embrião da futura dissertação ou tese.

O relatório de atividades de pós-graduação

O artigo 39 do “Regulamento dos Cursos de Pós-Graduação” da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que trata dos *exames gerais de qualificação*, reza o seguinte:

“Antes da defesa de dissertação e da tese deve o candidato ser aprovado em exame geral de qualificação perante o Orientador e mais dois docentes, doutores pelo menos, designados pela Comissão de Pós-Graduação.

Parágrafo 1º: Consta o exame de qualificação de prova escrita ou oral, de acordo com as peculiaridades de cada área.

Parágrafo 2º: Independentemente do exame, o candidato deve apresentar com antecedência mínima de 15 dias, um relatório de atividades”

Excusamo-nos de transcrever os demais artigos que não têm interesse para a matéria de que estamos tratando.

Verificamos que o Regulamento não estabelece normas para a redação do relatório, o que tem gerado uma série de dúvidas e desconfortos, que contamos esclarecer aqui.

Em princípio, pensamos que este relatório deva ser, acima de tudo, um trabalho individual. Não se explica, portanto que o pós-graduando recorra, muitas vezes, a trabalhos já apresentados por colegas que participaram dos mesmos cursos ou de alguns deles e que por isso podem fornecer-lhe material para a organização do relatório. É claro que nada impede que um candidato passe os olhos por relatórios congêneres, de áreas diferentes, à busca de sugestões, desde que saiba observar o que de fato convém ao seu trabalho pessoal.

O relatório de atividades de pós-graduação é o primeiro trabalho do estudante, submetido a uma banca, oficialmente designada. Na forma como vem sendo considerado na Faculdade de Filosofia e em algumas outras instituições da USP, ele pode gozar do privilégio da defesa por parte do autor, bem como beneficiar-se das críticas de conteúdo e forma, que podem ter muita valia para os trabalhos futuros do estudante.

Vejamos alguns aspectos de seu conteúdo, estrutura e linguagem.

Conteúdo

Espera-se do relatório:

1. que dê notícia dos cursos, das pesquisas feitas e em andamento, dos colóquios com o Orientador, das leituras realizadas, enfim do aproveitamento geral do pós-graduando;
2. que demonstre o que o aluno descobriu, o que pessoalmente pesquisou, os trabalhos que fez, o progresso que apresentou a partir dos cursos realizados ou dentro deles;
3. que mostre uma visão panorâmica dos cursos feitos, mais ou menos com a mesma extensão, evitando longas referências a algum em especial, mesmo que este tenha despertado mais atenção para o aluno;

4. que informe, com referência aos cursos, o interesse específico que tiveram para o pós-graduando, os caminhos que lhe abriram, enfim o real aproveitamento com vistas a sua dissertação ou tese;
5. que prove, sempre que possível, a ligação entre os cursos freqüentados e a pesquisa desenvolvida na dissertação ou tese;
6. que reflita aspectos da personalidade do autor, no campo específico da pesquisa científica, sua firmeza de conhecimentos nas áreas em que desenvolve seu trabalho;
7. que apresente o estado em que se encontram as pesquisas do autor, as linhas-mestras da dissertação ou tese, o plano seguido (sem quebrar o sigilo que a originalidade do trabalho impõe), mencionando, pelo menos:
 - a) o assunto
 - b) o material pesquisado (*corpus*)
 - c) a bibliografia essencial
 - d) o esquema provisório
 - e) a evolução metodológica.

O relatório pode conter, excepcionalmente, dependendo das circunstâncias, um pequeno histórico inicial (memorial) da formação universitária do pós-graduando, suas deficiências e a forma como as venceu no curso. É também possível precedê-lo de um abreviado e sóbrio *curriculum vitae* do autor.

É dispensável no relatório:

1. a descrição minuciosa dos cursos freqüentados, da maneira como os professores os desenvolveram, pois tal matéria não oferece interesse maior à Banca Examinadora, que não julga conteúdos programáticos nem métodos didáticos, mas tão somente a atuação do pós-graduando;
2. a crítica ao programa e à didática dos cursos a que o aluno assistiu, colocando-se este, não raro, numa cômoda (mas impertinente) posição de acusador, sem a presença do acusado;
3. a discussão excessiva de qualquer doutrina estudada nos cursos, tendendo ora para uma crítica pessoal, ora para uma manifestação de entusiasmo, ambas descabidas em tal contexto;

4. a referência elogiosa aos professores dos cursos, pois sua sinceridade pode manifestar dúvidas nos componentes da Banca;
5. a referência insistente de ordem afetiva à carreira pessoal do autor, ou qualquer outro índice que conduza a uma atitude sentimentalista (o seu esforço, dedicação, sacrifício, gratidão etc), que possa vir a quebrar a objetividade e o rigor da matéria científica;
6. a alusão encomiástica ao trabalho do Orientador;
7. o excessivo número de títulos bibliográficos, arrolados a propósito dos cursos ou das pesquisas, com o objetivo precipuo de aumentar o número de páginas do relatório.

Estrutura

A planificação do relatório de atividades de pós-graduação deve revelar disposição harmônica em suas várias partes, de maneira a torná-lo compreensível aos Examinadores. Um *sumário* precederá a matéria, seguido de uma breve *introdução*, em que se expõem os objetivos do trabalho. Nesta, a critério do pós-graduando, poderá haver alguma referência a pessoas ou instituições que favoreceram a realização de suas pesquisas ou contribuíram decisivamente para a sua orientação, desde que seja uma menção curta e objetiva.

Embora sem um rigor absoluto, podem ser estas as várias partes de um relatório de atividades:

Sumário

Introdução

I. Cursos

1. Período de adaptação

1.1. Cursos freqüentados

1.2. Atividades desenvolvidas

2. Período regular de pós-graduação

2.1. Quadro-resumo das Disciplinas cursadas (*v. modelo no Apêndice deste artigo*)

2.2. Análise das Disciplinas

2.2.1. Área de concentração

2.2.1.1. Programa do curso

2.2.1.2. Bibliografia básica

2.2.1.3. Considerações sobre o curso

2.2.1.4. Atividades desenvolvidas pelo orientador

2.2.2. Área complementar

- 2.2.2.1. Programa do curso
- 2.2.2.2. Bibliografia básica
- 2.2.2.3. Considerações sobre o curso
- 2.2.2.4. Atividades desenvolvidas pelo orientando
- 2.3. Estudo de problemas brasileiros
- 2.4. Exames de proficiência em línguas estrangeiras
- 2.5. Atividades programadas
 - 2.5.1. Leituras
 - 2.5.2. Fichamentos
 - 2.5.3. Levantamentos bibliográficos (livros, jornais, revistas)
 - 2.5.4. Artigos e resenhas
 - 2.5.5. Participação em congressos
 - 2.5.6. Colóquios com o Orientador
 - 2.5.7. Outras atividades paralelas aos cursos

II. Dissertação de Mestrado ou tese de Doutorado

- 1. Razões e vicissitudes na escolha do tema
- 2. Âmbito e objetivos do trabalho
- 3. Natureza da pesquisa
- 4. Plano provisório
- 5. Metodologia
- 6. Bibliografia essencial

A linguagem

O relatório de atividades de pós-graduação é um trabalho de cunho eminentemente científico. Como tal deve ser preciso em sua linguagem, não deixando margem para interpretações dúbias ou “abertas”

De seu estilo exige-se, pois:

- 1. obediência aos padrões cultos da linguagem de exposição científica e aos preceitos gramaticais correspondentes;
- 2. uso exato do vocabulário técnico ou científico;
- 3. comedimento no emprego de neologismos ou estrangeirismos;
- 4. pontuação precisa, evitando-se, sempre que possível, o excesso de períodos longos que podem dificultar a compreensão do texto;
- 5. tratamento coerente de 1ª pessoa do singular ou do plural (plural de modéstia), sem o abuso do pronome-sujeito.

Por mais que o ambiente proporcionado pela Banca permita ao examinado o uso de expressões menos formais, o relatório de atividade

des, em nenhum momento, deve ser realizado dentro de padrões da linguagem coloquial, nem se pode tolerar em seu vocabulário o emprego de palavras ou expressões de gíria, incompatíveis com o estilo de um trabalho desse nível.

Considerações finais

A propósito da elaboração de trabalhos científicos, relatórios, dissertações e teses, existem várias obras que, embora não resolvam suficientemente todas as dúvidas que podem ocorrer, orientam e ajudam quem escreve, no sentido de evitar erros graves, como os cometidos a propósito das transcrições (problema quase sempre relacionado com o uso apropriado do discurso direto e indireto, no estilo), das citações bibliográficas, da estrutura dos trabalhos e até mesmo de sua apresentação formal e datilográfica.

Até há bem pouco tempo obras dessa espécie eram raras em língua portuguesa, mas hoje já é possível mencionar entre outras as seguintes:

CERVO, A. L. e BERVIAN, P. R. — *Metodologia científica*. São Paulo-Rio de Janeiro, McGraw-Hill do Brasil, 1972.

REY, Luís — *Como redigir trabalhos científicos*. São Paulo, Edgar Blüchner-Edit. da USP, 1972.

SALOMON, Décio Vieira — *Como fazer uma monografia*. 3ª ed., Belo Horizonte, Interlivros, 1973.

SALVADOR, Ângelo Domingos — *Método e técnicas de pesquisa bibliográfica*. 2ª ed., Porto Alegre, Sulina, 1970.

SPINA, Segismundo. *Normas gerais para os trabalhos de grau*. São Paulo, Livraria Edit. Fernando Pessoa, 1974.

A estes livros específicos deve-se juntar o excelente *Comunicação em prosa moderna* de Othon M. Garcia (3ª ed., Rio de Janeiro, FGV, 1975) que contém subsídios preciosos para orientar os problemas mais fundamentais de redação e estilo.

Enfim, podemos dizer que, num plano ideal, o relatório de atividades de pós-graduação deveria ser um índice significativo da maturidade intelectual do estudante, de seu espírito de organização e de sua linguagem científica. Nele seria de esperar que o autor já apresentasse posições críticas bem formadas a propósito das teorias e autores estudados, bem como plenas condições para responder às arguições mais diversas, propostas pela Banca Examinadora, no ato dos *exames gerais de qualificação*.

Apêndice

Modelo do

Quadro-resumo das Disciplinas cursadas

Código USP (Sigla)	Áreas em	DISCIPLINAS	fre- quên- cia %	Nível atri- buído	Créditos obtidos	Ano letivo	Semes- tre
	Concentração						
	Complementar						
		Estudo de Problemas Brasileiros					